

ECONOMIA

POLÍTICA ECONÔMICA

Governo economiza R\$ 78,9 bilhões entre janeiro e agosto, mas esforço não foi suficiente para reduzir o total da dívida pública em relação ao PIB. Banco Central diz que folga financeira dá margem a aumento de despesas

Economia - Brasil

Superávit permite gasto maior

MARCELO TOKARSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

O governo apertou o cinto nos primeiros oito meses do ano, economizou R\$ 18,7 bilhões acima do previsto e agora terá mais liberdade para ampliar os gastos até dezembro e tentar desviar o foco da crise política. De janeiro a agosto, o superávit primário acumulado ficou em R\$ 78,931 bilhões. A quatro meses do fim do ano, falta poupar apenas R\$ 4,919 bilhões para assegurar o cumprimento da meta de superávit de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB). De

janeiro a agosto, o superávit está em 6,26% do PIB. Em agosto, ficou em R\$ 10,2 bilhões. O mercado apostava em R\$ 8,5 bilhões. No acumulado dos últimos 12 meses terminados em agosto, a economia foi de R\$ 96,3 bilhões.

De acordo com o Banco Central (BC), a folga nas contas permitirá ao governo liberar recursos para emendas de parlamentares, por exemplo. O chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, diz que o desempenho das contas até agosto abre "espaço considerável para gastos". As despesas com pessoal também crescem no final do ano.

"O governo certamente vai abrir as torneiras para amenizar a crise política, tudo sem comprometer a meta de 4,25% de superávit", acredita Alex Agostini, economista-chefe da consultoria Global Invest. "Mesmo que os gastos subam até o final do ano, a meta inicial está garantida, o que agrada o mercado." Já Guilherme Loureiro, da consultoria Tendências, aposta que o governo anunciará até o fim do ano um superávit acima da meta. "Mesmo com a elevação dos gastos, o primário deverá fechar o ano em 4,8% do PIB. Em tempos de crise política, é um sinal muito impor-

tante para o mercado", avalia.

Apesar do grande esforço fiscal, o governo está pagando juros como nunca. De janeiro a agosto, desembolsou R\$ 105,7 bilhões, volume 26,1% superior ao gasto no mesmo período de 2004. O montante equivale a 8,4% do PIB – um recorde histórico –, contra os 7,4% do ano passado. Para os economistas, o forte aumento das despesas com juros é resultado da política de juros altos. "A economia feita é significativa, mas não faz frente ao pagamento dos juros. Fruto da política econômica, que usa a Selic como principal ferramenta para contro-

lar a inflação", ressalta Agostini.

O superávit primário recorde também foi insuficiente para reduzir a relação dívida/PIB, um dos principais indicadores da saúde de uma economia. Pelo contrário, a relação piorou um pouco. Em agosto, a dívida líquida do setor público atingiu R\$ 973,7 bilhões, o equivalente a 51,7% do PIB. Um mês antes, a relação era 0,2 ponto percentual melhor. "Voltamos ao patamar de dezembro de 2004. Para o final do ano, em virtude do alto patamar dos juros, aposto que a dívida/PIB ficará em 52,6%", afirma Guilherme Loureiro, da consultoria Ten-

dências. O BC trabalha com a meta de 51,5% para o final do ano.

Os dados acumulados em 12 meses terminados em agosto comprovam a folga fiscal obtida pelo governo. O superávit primário atingiu R\$ 96,316 bilhões, ou 5,1% PIB. O resultado está R\$ 12 bilhões acima da meta para 2005. No resultado nominal, que inclui os encargos financeiros, houve déficit de R\$ 3,2 bilhões em agosto. Nos oito primeiros meses, o déficit nominal equivaleu a 2,1% do PIB, contra 1,8% no mesmo período do ano passado. Nos últimos 12 meses, ficou em 2,85% do Produto Interno Bruto.